

ASPECTOS PSICOGENÉTICOS DA DISLEXIA E SUAS IMPLICAÇÕES NO ENSINO DA LEITURA/ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR

BARANOSKI, Paulo Henrique.¹
SANTOS, Endy Bispo dos.²
BONI, Cristiane Claro de Oliveira.³
BOEIRA, Adriana da Silva.⁴

RESUMO

Os Transtornos de Aprendizagem, mais especificamente a dislexia, são problemas atuais presentes no cotidiano escolar, afetando as áreas da linguagem do sistema neurológico e que muitas vezes são confundidos com uma simples dificuldade na aprendizagem ou falta de interesse por parte do aluno, o mesmo, por não saber expressar suas dificuldades de forma clara, acaba sofrendo repreensão por parte da família, dos colegas e até mesmo dos professores. Deste modo, o presente artigo busca apresentar de forma concisa algumas ideias centrais que permeiam a dislexia, com base nos escritos de autores de renome nacional e internacional, além de organizações especializadas na área cognitiva, objetivando esclarecer a dislexia como um todo, a percepção inicial, diagnóstico especializado, o tratamento e intervenções adequadas. Contudo, o princípio norteador deste artigo busca deixar clara a forma em que o professor (psicopedagogo) precisa trabalhar com os alunos portadores de dislexia, compreendendo as especificidades e o grau de dificuldade do disléxico, promovendo um avanço significativo em sua aprendizagem, já que não existe uma cura total para este problema.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia, Diagnóstico, Intervenção, Trabalho Pedagógico.

1. INTRODUÇÃO

A dislexia é um distúrbio cognitivo/neurológico que difere dos demais problemas de aprendizagem, tanto os problemas comuns, quanto os problemas específicos como dislalia, discalculia, disgrafia, entre outros. Deste modo, em vários casos ela é confundida com algum destes problemas, já que apresenta sintomas semelhantes, mas cada um possui suas particularidades e diferenças.

Quanto à definição de dislexia, existem várias maneiras de conceituá-la, cada profissional segue um ponto de vista em que julga ser correto, a maioria dos conceitos são semelhantes, neste artigo foram utilizadas algumas afirmações de autores e organizações especializadas como, a

¹Acadêmico do curso de Letras – Português/Inglês do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: paulohenrique8486@gmail.com

²Acadêmica do curso de Letras – Português/Inglês do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: endyuedes@hotmail.com

³Acadêmica do curso de Letras – Português/Inglês do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: crisclaro@gmail.com

⁴Docente Orientadora – Especialista em Língua Portuguesa – Estudos Linguísticos e Literários do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. E-mail: adri_boeira@hotmail.com

Federação Mundial de Neurologia e também a *American Psychiatric Association* (APA) para que o conceito desse distúrbio seja explanado como uma junção de todos os aspectos apresentados.

Vários fatores podem ser observados pelos pais ou professores, nas fases iniciais do ensino, mas para se ter uma comprovação do problema é necessário uma avaliação feita por profissionais especializados, como psicólogo, psiquiatra, entre outros profissionais que serão citados no decorrer do artigo. Dessa forma, a partir desta avaliação será descoberta a área ou as áreas em que o indivíduo apresenta maior grau de dificuldade, para que a partir dela possa ser trabalhada especificamente com a área afetada, buscando uma melhor aprendizagem do indivíduo disléxico, em quase todos os casos é necessário um acompanhamento individual, isto vai depender do grau de comprometimento.

Até o momento atual, não existe uma cura para a dislexia, já que a mesma é oriunda de problemas cognitivos genéticos, mas há tratamentos e acompanhamentos que são meios de intervenção para os disléxicos poderem suprir suas necessidades na fala e escrita. Sendo assim, este artigo visa elucidar todos estes temas apresentados de uma forma mais ampla, tendo com referências materiais bibliográficos (livros e artigos científicos).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PRINCÍPIOS NORTEADORES DA DISLEXIA

De acordo com a Federação Mundial de Neurologia, a dislexia pode ser conceituada como uma dificuldade na leitura, vivenciada pelos indivíduos, mesmo dispondo de uma inteligência significativa, ou meios socioculturais adequados, mas por não apresentar consonância com relação aos aspectos positivos da mesma (dislexia), em meio a prática, muitos profissionais assumiram uma outra definição classificada como discrepância à dislexia. A discrepância é explicada como a relação entre a aptidão cognitiva e o ato educacional, ou seja, de acordo com as faixas etárias existem crianças que leem acima e outras abaixo da média, então, as crianças que se encontram mais do que abaixo da média pode ser que possuam Dificuldades de Aprendizagem Específicas/Dislexia (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004).

Para Garcia (1998) a dislexia,

Define-se pela presença de um déficit no desenvolvimento do reconhecimento e compreensão dos textos escritos. Este transtorno não é devido nem à deficiência mental, nem a uma inadequada ou escassa escolarização, nem a um déficit visual ou auditivo, nem a um problema neurológico [...] Este transtorno é denominado como 'dislexia' ou como transtorno do desenvolvimento da leitura. Manifesta-se uma leitura oral lenta, com omissões, distorções e substituições de palavras, com interrupções, correções, bloqueios. Produz-se uma afetação, também, da compreensão leitora (GARCIA, 1998, p.173).

A *American Psychiatric Association* (APA, 2014), abrange a dislexia juntamente com os demais transtornos específicos da aprendizagem, explicitando alguns sintomas gerais, para que a partir deles possam ser tomadas as intervenções necessárias. Com base nisso, a APA afirma que:

O transtorno específico da aprendizagem é um transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais. A origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão (APA, 2014, p.68).

Os transtornos ou distúrbios de aprendizagem, são déficits denotados nos indivíduos no momento em que é necessária a aquisição de habilidades no âmbito escolar, como fala, escrita, raciocínio, entre outras (SADOCK BENJAMIN JAMES e SADOCK VIRGINIA ALCOTT, 2007).

Estudos contidos no livro *Compêndio de Psiquiatria* (2007) apontam aproximadamente cerca de 5% de indivíduos detentores de dislexia no mundo, porém dados mais recentes, segundo a Associação Brasileira de Dislexia (ABD) entre os anos de 2013 a 2016, houve um aumento equivalente no percentual, aproximadamente cerca de 5% a 17% da população mundial.

Indivíduos portadores de distúrbios específicos, especialmente a dislexia, apresentam um desempenho nas habilidades afetada inferior ao esperado para sua idade, acarretando em dificuldades nas atividades mais comuns, estes problemas são comprovados através de medidas padronizadas de desempenho e por meio de avaliações clínicas (APA, 2014).

As dificuldades de aprendizagem não podem ser explicadas por deficiências intelectuais, acuidade visual ou auditiva não corrigida, outros transtornos mentais ou neurológicos, adversidades psicossocial, falta de proficiência na língua de instrução acadêmica ou instrução educacional inadequada (APA, 2014, p.67).

Muitas pessoas detêm uma compreensão leiga da dislexia, como a de uma pessoa que possui somente dificuldades na leitura e escrita, mas por existirem vários casos nos mais variados estados/níveis de comprometimento, estas dificuldades podem ser seguidas de outros problemas (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004).



Por sua vez, “[...] é importante lembrar que a dislexia é uma dificuldade vitalícia e os sintomas que estão presentes em um ponto do desenvolvimento não estão necessariamente evidentes em outro” (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004, p. 13). Portanto, não se deve generalizar, pois muitos disléxicos adultos conseguem ler claramente, mas podem também ter uma ortografia ainda prejudicada.

Atualmente, têm-se indícios comprovados de que a dislexia pode ser hereditária. Estudiosos do comportamento apontam uma estimativa de 50% de chances de um indivíduo do sexo masculino ser disléxico, se o seu pai apresentar o mesmo problema, no caso de meninas as chances são menores. “O que é herdado não é a deficiência de leitura [...], mas aspectos do processamento da linguagem” (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004, p.13).

O conceito de dislexia ainda é pouco conhecido fora da área da educação. Infelizmente ainda há pais que desconhecem esse problema e atribuem outras razões para as dificuldades que os filhos possuem. O esclarecimento que a escola presta a pais de crianças que apresentam dislexia é de fundamental importância, pois o sentimento de inferioridade por não conseguir alcançar um objetivo pode gerar na criança complexo de inferioridade e insegurança no momento de realizar as atividades, levando-a admitir simplesmente que não consegue ou que não quer realizar tal atividade. Em vários casos a dislexia acaba, erroneamente, sendo atribuída à conduta, educadores e pais sem esclarecimento, rotulam a criança como incapaz (ALVES, 2013).

Como a dislexia tem ligação específica com a área da linguagem, problemas de ordem lógica, como apresenta a matemática, tornam-se de mais fácil resolução, embora a dislexia vá afetar diretamente na compreensão da situação problema, ao se efetuar cálculos o aluno terá mais facilidade na resolução da conta, do que em compreender o que pede o enunciado. É de suma importância que haja um trabalho conjunto entre a família e a instituição de ensino, que devem se ajudar para que a criança tenha um tratamento adequado, visando melhoras significativas diante do seu déficit. Outro ponto de total relevância é a capacitação profissional dos educadores, que deverão ter um conhecimento a respeito para perceber, usar métodos avaliativos a fim de confirmar suas hipóteses e, comunicar a família, ouvir o que os pais têm a dizer sobre o comportamento do filho e proporcionarem juntos a essa criança o devido tratamento adaptado ao seu grau de dificuldade (OUTUKI, 2013).

Para Snowling e Stackhouse (2004), as expressões fundadas pelas crianças estão sempre relacionadas ao que ouvem, deste modo, conforme o sistema fonético se desenvolve, as representações vão se aprimorando, tais evoluções podem ocasionar avanços em determinadas

habilidades cognitivas, atreladas a leitura. A autora ressalta também, que o acesso as representações fonéticas permite as crianças realizarem várias atividades de caráter fonológico, como: memória verbal e testes de consciência, devido a isso o desempenho na leitura esteja bastante relacionado a parte fonética.

Como todos os distúrbios de aprendizagem, a dislexia prejudica e muito no rendimento escolar da criança, podendo também ocasionar baixa autoestima, frustrações e sentimentos de insatisfação com si própria. Outro percentual de disléxicos, mas que acomete os adolescentes, é a taxa de evasão escolar por conta da dislexia e dos demais distúrbios da aprendizagem, cerca de 40% dos adolescentes que abandonam os estudos possuem um ou mais distúrbios de aprendizagem (SADOCK BENJAMIN JAMES e SADOCK VIRGINIA ALCOTT, 2007).

A American Psychiatric Association (APA, 2014), divide as dificuldades de aprendizagem em três níveis: leve, moderada, grave e são explicitadas deste modo:

Leve: dificuldade em uma ou mais habilidades, a gravidade do problema é baixa e o sujeito pode lidar bem com estes problemas desde que haja adaptações e apoio apropriados, inclusive no âmbito escolar;

Moderada: dificuldades mais intensas em uma ou mais habilidades, neste nível é mais elevado o grau de dificuldade do indivíduo conseguir realizar as atividades de forma eficaz, mesmo possuindo os estímulos e adaptações necessárias, mas com o auxílio externo, da família, escola e profissionais especializados, é possível o indivíduo completar as tarefas mais facilmente;

Grave: dificuldades em várias habilidades, tornando difícil e quase impossível o indivíduo realizar as atividades, se não possuir um ensino e estímulos especializados e individualizado ao longo de sua vida, no entanto, mesmo possuindo todos os estímulos e apoio necessários, algumas atividades o indivíduo poderá não conseguir realizar.

Para Moojen e França (2006), a dislexia é um transtorno específico que pode ser classificada em três aspectos, como:

Dislexia fonológica: Identificada por uma dificuldade seletiva que se encontra na rota fonológica por intermédio da leitura;

Dislexia lexical (de superfície): As dificuldades apresentadas na execução da rota lexical, que afeta na leitura. À vista disso, os disléxicos encontram bloqueios em pronunciar rapidamente;

Dislexia mista: Nessa conjuntura, os disléxicos apresentam impedimento para lidar com a rota fonológica ou/e a lexical. Com isso, o estímulo deverá ser maior.



Contudo, mesmo a dislexia ainda estando em debate com relação ao seu significado, existem confirmações de que problemas na leitura são oriundos de deficiências de linguagem voltadas à fonética, sendo assim, os disléxicos possuem déficits fonológicos, que os impossibilitam de serem alfabetizados normalmente. Os profissionais que se deparam com os disléxicos, necessitam saber avaliar o grau da dificuldade de leitura relacionada à fonologia deficiente.

Para Snowling e Stackhouse (2004), os problemas de fala e linguagem inúmeras vezes estão atrelados às crianças disléxicas, tais problemas não significam que todas as crianças possuem a dislexia, por isso faz-se necessário uma identificação inicial das crianças em risco, para que seja feito o diagnóstico e a intervenção apropriada, analisando aspectos de vulnerabilidade.

Devido grande parte das crianças com dificuldades na fala apresentarem causas diversificadas, estudiosos sentem uma complexidade em relacionar esses problemas ao desenvolvimento da alfabetização, por isso são considerados muitas vezes como de causa desconhecida e constantemente são descritos como deficiência fonológica (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004).

Embora os problemas na aprendizagem da escrita não sejam novos, ainda há um déficit muito grande dentro do modelo educacional atual, que deveria ser muito mais funcional, evitando a progressão de problemas que não têm necessidade de existir. O simples planejamento da progressão das atividades de escrita, o diagnóstico e a intervenção precoce diante de problemas de ordem cognitiva poderiam amenizar os esforços que são feitos diante do acúmulo dessas dificuldades, quando não percebidas há tempo (GARCIA, 1998).

2.2 IDENTIFICAÇÃO INICIAL DA DISLEXIA E DIAGNÓSTICO

A identificação antecipada das complicações na leitura e escrita, possibilitam diversos benefícios, bem como, um meio pelo qual a criança pode receber amparo adequado visando satisfazer o problema. Deste modo, segundo Muter,

As crianças cuja situação de risco tem sido reconhecida aos 5 ou 6 anos de idade têm bem menos campo educacional para compensar do que aquelas com problemas identificados mais tarde em sua vida escolar. Transpor uma lacuna no desempenho de apenas 12 meses, na idade de 6 ou 7 anos, é uma tarefa mais fácil e rápida do que compensar cinco anos de progresso de leitura perdidos em uma criança para que ela possa enfrentar as demandas do currículo de uma escola de ensino médio (MUTER, 2004, p.43).

Sem dúvida, a descoberta antecipada da deficiência de leitura oferece vantagens na sua possível intervenção, partindo para uma avaliação inicial é necessário identificar as habilidades que podem auxiliar no desenvolvimento da leitura inicial, desse modo, obtém-se alguns prognosticadores individuais que podem ser modificados por meio do ensino (MUTER, 2004).

Para Outuki (2013) a família e a escola precisam trabalhar unidas no momento de uma detecção inicial da dislexia. Elas devem estar atentas ao comportamento da criança, atuar de forma compreensiva, não exigindo mais do que a criança pode oferecer diante de uma situação problema. Observar as dificuldades do aluno e seguir um modelo de intervenção é fundamental para a percepção precoce da hipótese de um distúrbio, que vai ser de extrema relevância na forma que será seguida para tratar estas dificuldades.

A dislexia pode ser antecedida por outros problemas durante o período pré-escolar, como dificuldade de concentração, na linguagem ou na parte motora, esses problemas também podem persistir futuramente junto a ela ou nos demais transtornos de aprendizagem. Além disso, os déficits cognitivos nem sempre indicam a presença de algum transtorno específico de aprendizagem, pois pode ser oriundo também de outros problemas cognitivos como TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), Autismo, entre outros (APA, 2014).

No período pré-escolar, já é possível notar alguns sintomas de um possível transtorno de aprendizagem, apesar de não poder ainda ser avaliado precisamente, problemas persistentes na fala infantilizada, pronúncia desconexa de palavras, dificuldade na memorização de nomes, dias da semana e números, problema em distinguir letras, entre outros fatores. Já no ensino fundamental, ocorre uma dificuldade na correlação entre letra e som, decodificação de palavras, leitura bastante demorada e muitas vezes imprecisa. Mais adiante nos anos escolares, por volta do 4º a 6º ano, os alunos podem cortar partes de palavras mais longas ou emití-las erroneamente, podendo também misturar palavras similares (APA, 2014).

Estudos apontam também, uma grande dificuldade de indivíduos disléxicos na parte fonética, condizente com a memória de curto prazo, mas “há também evidências de [...] problemas com a aprendizagem verbal de longo prazo” (SNOWLING, 2004, p. 16). Um fator da memória de curto prazo é a nomeação, seguindo está ideia Katz (1986 *apud* SNOWLING; STACKHOUSE, 2004, p. 16), percebeu que crianças disléxicas apresentavam maior dificuldade em nomear/rotular itens do que crianças não disléxicas e ainda demonstravam uma maior complicação em nomear palavras polissílabas (palavras com quatro ou mais sílabas).

[...] o cerne da dislexia é um déficit do processamento fonológico, e quanto mais próximo do cerne está uma determinada habilidade de processamento, maior a certeza de que os leitores deficientes diferirão dos leitores normais com respeito a essa habilidade (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004, p.19).

Em vista disso, o cerne da dislexia abrange dados da consciência fonológica e a leitura de não-palavras, já as avaliações da memória e compreensão auditiva estão mais distantes deste cerne, diferenciando os leitores disléxicos dos leitores que possuem alguma outra dificuldade de linguagem. Todavia, muitos problemas gerais de linguagem apresentam correlação com o cerne da dislexia, porém, as crianças com estas características ainda são diferentes dos portadores de dislexia, visto que estes problemas diferem simultaneamente a outros campos da linguagem (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004).

As aptidões de nomeação, segundo Snowling e Stackhouse (2004), requerem exatidão no entendimento das palavras presentes no léxico das crianças, de modo igual com que a fala atua sobre a escrita, desse modo, se um conceito de palavra for defectivo, a criança ao tentar produzir uma palavra irá se deparar muitas vezes com a imprecisão ou dúvida.

De acordo com a APA (2014) alguns dos sintomas ocasionados pelos transtornos de aprendizagem específica são: leitura imperfeita, lenta e dificultosa; dificuldades em interpretação de textos, raciocínio, ortografia/escrita e dificuldade com a lógica numérica.

O diagnóstico perante as dificuldades de aprendizagem da linguagem deve partir de alguns pontos específicos, como por exemplo, a utilização dos sons da linguagem. A alteração da pronúncia dos fonemas, por exemplo, p, b, t, não deve ser relacionada com alguma deficiência, mas pode ser observada a partir de retardos na oralidade da criança. O prazo para ser considerado dentro da normalidade é o indivíduo expressar-se oralmente até os 18 meses de idade, porém, existem casos em que a criança inicia sua comunicação oral somente depois dos três anos de idade. (GARCIA, 1998).

Inicialmente, no momento em que se vai avaliar uma criança com alguma complicação na aprendizagem, o que se observa é em qual parte ou partes do processamento está a falha (na absorção, representação ou emissão), depois são feitos testes específicos que visam contrastar o seu desempenho nas três esferas do processamento, baseando-se nos resultados será feito um acompanhamento mais preciso (VENCE, 2004).

Existem vários fatores que podem ser considerados em um diagnóstico, explícitos como: fatores etiológicos, oriundos do interior da história das complicações de aprendizagem; fatores neuropsicológicos, ou disfunções na lateralização das funções cerebrais em relação à leitura; fatores



psicomotores e sensoriais, estes, que ainda são levados em consideração para diagnosticar qualquer dificuldade de aprendizagem da leitura; fatores cognitivos, que são pautados na evidência clínica e experimental; fatores condutores e os fatores da linguagem, que são originados de problemas de linguagem de base (GARCIA, 1998).

2.2.1 Aspectos de Identificação e Diagnóstico Específicos: Escrita e Oralidade

Para Snowling e Stackhouse (2004), de acordo com os princípios da fala, a ortografia é produzida, devido a esse aspecto que alguns estudos fonológicos adotam análises voltadas à ortografia. Também, prosseguindo com essa mesma temática, alguns testes com crianças que possuíam dificuldades na fala, comprovaram que muitas delas cometiam erros ortográficos em ambas as palavras que pronunciavam corretamente ou erroneamente.

Vale ressaltar ainda, que a fala interfere na ortografia em inúmeras vertentes, desde a ligação entre o que é dito pela criança e o que ela escreve, até mesmo na forma como uma complicação na fala pode prejudicar na segmentação da palavra, ocasionando representações incertas e dificuldades na ortografia (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004).

“Vários estudos têm usado testes de percepção da fala e produção da fala para explorar as possíveis bases das dificuldades que as crianças disléxicas encontram com o processamento da linguagem” (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004, p.16).

Seguindo este princípio Snowling e Stackhouse (2004), defende a ideia de que a construção da fala também tem sido um problema para as crianças portadoras de dislexia, a dificuldade é com a repetição de palavras, esse problema se faz presente nos segmentos que perpassam a percepção e a produção da fala.

Mesmo os problemas de fala resultarem muitas vezes nos problemas de escrita, isto não significa que sempre as dificuldades na ortografia sejam oriundas da fala, elas podem resultar de diferentes níveis psicolinguísticos e na locução. Também, muitas crianças disléxicas podem apresentar dificuldades leves na fala e linguagem, neste caso são necessárias investigações específicas (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004).

A abrangência no desenvolvimento da leitura deve ser considerada, para que possa ser compreendida as causas das dificuldades fonológicas presentes na fala sobre a aprendizagem da linguagem escrita. É necessária então, uma compreensão da relação entre letras e sons, ou seja, os

disléxicos precisam entender como as letras que formam as palavras constituem os sons (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004).

Uma má audição em muitos casos está presente em crianças disléxicas, isso irá prejudicar as representações linguísticas, pois o primeiro contato com a língua e a forma com que a criança inicialmente entra em contato com a palavra é oriundo dos sons que ouve, desse modo, caso haja algum problema auditivo, isso acarretará em prejuízos na fala e ortografia (VENCE, 2004).

Apesar de não haver comprovações de que problemas visuais ocasionem a dislexia, eles podem ser agravantes nos problemas de leitura, ou podem ser um meio de contribuição para o desenvolvimento da mesma, dependendo das estratégias adotadas para suprir os problemas enfrentados (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004).

Investigações com crianças portadoras de alguma deficiência física que afeta na fala, resultou numa análise de que anormalidades ou deficiências físicas pode favorecer o não avanço da dislexia se contraposto às crianças sem deficiências, o que pode ocorrer é um atraso na aprendizagem (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004).

Pelo simples fato de o desenvolvimento da fala e da linguagem de uma criança ser atípico, não significa que ele não vá mudar. As mudanças ocorrem com a maturação, com a intervenção e porque exigências diferentes são feitas à criança à medida que ela vai ficando mais velha (SNOWLING e STACKHOUSE, 2004, p.28).

As disfunções nos processos verbais são mais dominantes sobre a alfabetização, sem deixar de lado os déficits visuais que também influenciam, desta maneira, a escrita precisa em grande parte da fala em todo este processo. Também, a natureza específica das dificuldades na alfabetização, estará relacionada à equiparação dos pontos fortes e fracos nas capacidades elaboração da fala e escrita.

Existem muitos prognosticadores que interferem no êxito ou fracasso na leitura, dentre eles se destacam: “inteligência geral (QI), aptidões de fala e de linguagem, extensão da atenção, processos de memória, habilidades motoras, etc” (MUTER, 2004, p.45).

Seguindo os apontamentos de Vence (2004), o sistema alfabético mesmo não sendo arbitrário formam ordenadamente os segmentos das palavras expressas oralmente ou na forma escrita. Sendo assim, para se alfabetizar a criança precisa perceber essas relações, esta percepção ocorre devido à capacidades proficientes de processamento da linguagem.

2.2.2 Formas Opcionais de Diagnóstico

Em um diagnóstico inicial, vários testes de avaliação do processo fonológico são bastante utilizados, testes de rima auxiliam no prognóstico inicial de modo a serem observadas as analogias feitas entre a leitura e escrita, a compreensão das letras alfabéticas também é importante, além de testes de extensão voltados a memória fonológica, que abrangem exercícios rápidos de fala.

Segundo Moojen e França (2006), a avaliação da linguagem escrita de um educando com dislexia, pode ser realizada por um fonoaudiólogo e/ou psicopedagogo, associando seu conhecimento da leitura/escrita com suas habilidades fonológicas. Segue de acordo com algumas implicações básicas:

Anamnese com pais ou cuidadores: Esse processo tem como objetivo conhecer o contexto familiar da criança, examinando suas experiências e ocorrências de casos com problemas hereditários, além disso, acompanhar como é trabalhado na família a dificuldade do disléxico;

Testes de leitura: A implicação de um teste de decifração com palavras, sílabas complexas, pseudopalavras têm o intuito de identificar qual é o grau de dificuldade do aluno. Desta forma, também poderá ser trabalhado um texto com a oralidade/silencioso com o propósito de reconhecer e compreender palavras, nível de velocidade e erros;

Testes de escrita: A observação de uma produção de texto, ajudará no desenvolvimento do disléxico e na avaliação do uso da pontuação, coerência, coesão, ortografia, entre outros,

Vence (2004), explicita algumas atividades de avaliação que podem ser feitas de modo a descobrir as falhas em uma ou mais habilidades, com exercícios simples, como:

Tarefas de discriminação auditiva: Exercícios de discriminação auditiva abrangem a utilização de pares de palavras que são diferentes em um único som, como pato/pata e faca/foca. Este teste consiste no orientador dizer duas palavras iguais (bola/bola) ou diferentes (bola/bolo) e a criança precisa identificar se ele disse palavras diferentes ou iguais. Este teste proporciona o avaliador perceber se a criança consegue identificar as diferenças ou similaridades entre palavras que ela ouviu;

Discriminação auditiva usando palavras absurdas: Em testes em que são apresentadas palavras conhecidas para a criança, ela pode reconhecê-la devido ao seu armazenamento mental, por isso também deve se mostrar palavras que a crianças não conheça. De acordo com isso, os testes usando não-palavras induzem a criança identificar pela audição os sons que formam tais palavras e



processá-las para depois reproduzi-las, e é neste ponto que as dificuldades aparecem e podem ser identificadas pelo avaliador;

Tarefas de discriminação auditiva com uso de figuras: Outra forma bastante utilizada para avaliar a audição é o teste com figuras, onde o avaliador mostra duas figuras e diz o nome de uma, a criança então, tem que apontar para figura que ouviu o nome. Neste teste a criança relaciona a palavra que escutou com seus conceitos de representação fonológica, também, devem-se utilizar poucas figuras, e estas, tem que ser do conhecimento da criança;

Habilidades de Rima: Tarefas de julgamento e detecção de rima: Testes de rimas em que pedem para as crianças decidirem quando duas palavras estão rimando, são bastante utilizados (exemplos: jarro rima com carro? ou sapo rima com sola?), estas perguntas são expressas oralmente e a criança precisa ouvir e fazer comparações entre os sons absorvidos para poder identificar se as palavras possuem rimas ou não;

Produção de rima: Exercícios de construção de rimas consistem na ação de proporcionar uma busca por palavras que rimam, produzida pela criança avaliada, ela então, deverá criar ou pensar em duas palavras que rimam, neste caso há a utilização do processamento de emissão. Muitas vezes a criança precisará falar e ouvir as palavras que pensou para poder analisá-las e perceber se há uma semelhança de som entre elas (se há rima);

Nomeação: Testes de nomeação de figuras buscam detectar dados da produção oral. Ao ser instigada a nomear algumas figuras, a criança necessita encontrar a figura em sua mente, processá-la e emití-la com o aparelho vocal. Se ao nomear uma figura de forma errada e ainda assim achar que está correto, a criança detém uma pronúncia inadequada ou algum problema nas representações fonológicas;

Tarefas de repetição: Testes de repetições de palavras e não-palavras também são algumas opções a serem feitas. Nesses testes o avaliador fornece as palavras e basta a criança utilizar seu aparelho vocal para reproduzi-la, nas repetições de palavras, as crianças já estão acostumadas e na maioria das vezes repetem coerentemente, já na repetição de não-palavras as crianças com dislexia sentem uma grande dificuldade em reproduzi-las, mas pode ocorrer o surgimento de dificuldades em ambos os casos ou em nenhum, depende da dificuldade específica de cada indivíduo.

De acordo com Moojen e França (2006) e Shaywitz (2006), o caso da dislexia visando a redução da gravidade nos casos de dislexia para um rendimento maior, evitando problemas de baixa-estima e desapontamento nos indivíduos, foram explicitadas algumas ideias:



Propostas de ação pedagógica: Orientar a sintetizar o conteúdo ensinado; conceder o uso de gravador na sala de aula, para que depois, o disléxico possa ouvir quantas vezes for necessário para anotar e entender o conteúdo; possibilitar uso de calculadora na sala de aula para facilidade de seu entendimento; impedir o uso da escrita de textos extensos utilizando materiais impressos.

Avaliação escolar: Realizar avaliações orais além da escrita, reconhecendo o conteúdo em que o aluno disléxico aprendeu por meio da oralidade; oferecer um tempo extra para o que o indivíduo possa ler lentamente, para compreender o texto e o significado das palavras; elogiar seu esforço e seu trabalho, ao invés de reprimi-lo por seus erros; disponibilizar uma área tranquila para que o educando com dislexia faça suas avaliações não se dispersando com os barulhos ao seu redor.

2.2.3 Intervenção Adequada Especializada

Depois de diagnosticado o déficit de aprendizagem na linguagem ou dislexia é necessário que haja uma proposta de intervenção. As intervenções que partem dos lares são de grande valia para lidar com as dificuldades de aprendizagem expressivas. É necessário ainda ter o discernimento sobre os diferentes sintomas e graus de dificuldades de acordo com a idade do aprendiz. Outro ponto de extrema relevância para intervir nessas dificuldades dentro das escolas, é adotar estratégias de avaliação que sejam funcionais, além de detectar possíveis falhas ou déficits, ela deve ter o papel de trazer um enfoque compreensivo, que promova superações (GARCIA, 1998).

Para Shaywitz (2004), deverá ser trabalhado em algum período do seu tempo com a criança, estimulando-a. Para desenvolver um programa de leitura é necessário que a pessoa identifique o grau de dificuldade, sendo o mais adequado á sua idade.

A criança com dislexia precisa de uma pessoa encorajadora, alguém que lhe dê apoio e o defenda inflexivelmente; que atue como um incentivador quando as coisas não estão indo bem; que seja seu amigo e confidente quando os outros fazem chacotas e o deixem envergonhado; um defensor que, por ações e comentários, expresse otimismo para o futuro (SHAYWITZ, 2004, p.139).

De acordo com Rotta e Pedroso (2006), o tratamento está centralizado na diminuição da linguagem ortográfica, envolvidos nas abordagens como um todo. Os profissionais da área de fonoaudiologia e/ou psicopedagogia, instruído para trabalhar com transtornos específicos, segue de um diagnóstico completo, de acordo com um planejamento em ordem cronológica.



Ter sensibilidade ao lidar com o sujeito com dislexia, também é fundamental, pois algumas crianças já vêm recebendo um tratamento errôneo dentro de suas próprias casas, por falta de esclarecimento dos pais, que a rechaçam, as fazem sentir inferiores e incapazes (ALVES, 2013).

Existem várias maneiras de trabalhar com crianças disléxicas, uma forma bastante utilizada seria iniciar o estudo relacionado às associações entre letra e som, para depois disso partir para os segmentos mais complexos da leitura (formação de palavras), após estas abordagens, grupos de leitura em menor volume e com texto simples, podem ser feitos. Outra forma de intervenção seria mostrar ao aluno palavras completas e ir ajudando a criança a dividi-las, para que possa começar a ir relacionando os sons das sílabas com a grafia. A terapia educacional ou psicoterapia, também deve ser feita, para serem trabalhados nos alunos os fatores emocionais e comportamentais, mas além de todas estas intervenções o auxílio e compreensão por parte da família também é de extrema importância (SADOCK BENJAMIN JAMES e SADOCK VIRGINIA ALCOTT, 2007).

3. METODOLOGIA

Para elaboração deste artigo, foi exercida uma pesquisa sobre os fatores da dislexia, para adquirir informações sobre esse distúrbio, aprendendo de qual forma diagnosticá-lo, como intervir, e conhecer a sua origem. Esta pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, abrange um conhecimento básico sem aprofundamentos específicos, com base em obras literárias e artigos de autores especializados na área para explanar, cientificamente todas estas abordagens.

Desta maneira, este estudo pode auxiliar o educador no âmbito escolar, mostrando como lidar com o indivíduo disléxico, quais são os métodos que deverão ser praticados, de modo que contribua para uma melhoria no desenvolvimento do aluno.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Com base na análise dos acervos bibliográficos sobre os transtornos na aprendizagem, enfatizou-se na dislexia como um problema enfrentado em muitas salas de aula, além disso, observou-se como pode surgir esse distúrbio e a sua interferência na aprendizagem do educando.



Esta pesquisa qualitativa buscou uma explanação difundida em algumas concepções e experiências de profissionais especializados na área. Por meio de um estudo de caso seletivo, que abrange os tipos de dislexia, explanou acerca de quais métodos a serem utilizados para o desenvolvimento do indivíduo disléxico e de como podem intervir para a sua melhoria, além disso, evidenciou a importância do uso de métodos diferenciados com uma atenção voltada ao mesmo, carecendo de um planejamento específico, para que assim o aluno possa progredir o seu desenvolvimento cognitivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados neste artigo, a dislexia é um transtorno ou distúrbio específico na aprendizagem da linguagem em geral, que interfere na interpretação, oralidade, produção textual, leitura e na escrita. Esse distúrbio envolve fatores genéticos, com ênfase nos circuitos neurais que abrangem o campo cerebral responsável pela aquisição e o aprimoramento da linguagem.

Através de análise baseada em livros especializados nos problemas cognitivos, como *Compêndio de Psiquiatria* (2007), *DSM-5* (2014), *Transtornos de Aprendizagem* (2006), entre outros, para obter informações mais consistentes sobre como surge a dislexia, como utilizar métodos para intervir e ajudar um indivíduo disléxico a reduzir seu empecilho, reconhecendo-o como um aluno que precisa de uma atenção diferenciada e uma proposta pedagógica específica voltada ao mesmo. Dado o exposto, detectar e realizar o diagnóstico da dislexia com antecedência é de suma importância para poder remediar a dificuldade do educando, buscando uma solução juntamente com a família para o obstáculo a ser enfrentado.

Levando em consideração esses aspectos, os profissionais da área conseguirão diagnosticar o transtorno por meio da observação e testes de leitura/escrita, além disso, deverá ser praticada uma pesquisa no contexto familiar do educando e em seu desenvolvimento na sala de aula, para verificar qual é o nível de comprometimento do mesmo.

Tendo em vista os aspectos observados, constata-se que se faz necessário futuras pesquisas como forma de aprofundamento das questões levantadas, voltando os olhares para novas discussões acerca do tema abordado, com o intuito de sempre colaborar com o processo de ensino-aprendizagem de nossos alunos.

REFERÊNCIAS

ABD – Associação Brasileira de Dislexia. **Gráficos Estatísticos**. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/estatisticas-2013-2016/>>. Acesso em: 4 out. 2017.

ALVES, C. A. A dislexia e suas Implicações no Contexto Escolar: uma questão emergente para os educadores. **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor**. Paraná: Secretaria de Educação. v.01, 2014. Disponível em: < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uepg_gestao_artigo_cleto_de_assis_alves.pdf>. Acesso em: 23 set. 2017.

APA – *American Psychiatric Association* (Org). **DSM-5**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 66-74.

GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem**: linguagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MOOJEN, S. FRANÇA, M. Dislexia: visão fonoaudiológica e psicopedagógica. In: ROTTA, N. T. et al. **Transtornos da Aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 163-179.

MUTER, V. Antevendo as Dificuldades de Leitura e de Ortografia das Crianças. In: SNOWLING, M. J.; STACKHOUSE J. et al. **Dislexia, fala e linguagem**: um manual do profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 43-56.

OUTUKI, I. M. S. O Atendimento da Criança com Dislexia na Escola Regular **Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor**. Paraná: Secretaria de Educação. v.01, 2013. Disponível em: < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uenp_edespecial_artigo_isabel_monteiro_da_silva.pdf>. Acesso em: 23 set. 2017.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. Transtorno da Linguagem Escrita-Dislexia. In: ROTTA, N. T. et al. **Transtornos da Aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 151-162.

SADOCK, B. J., SADOCK, V. A. **Compêndio de psiquiatria**: ciências do comportamento e psiquiatria clínica. 9.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 1258-1262.

SHAYWITZ, S. **Entendendo a Dislexia**: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 137-235.

SNOWLING, M. J.; STACKHOUSE J. et al. **Dislexia, fala e linguagem**: um manual do profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VANCE, M. Avaliação das Habilidades de Processamento da Fala nas Crianças: uma análise de tarefas. In: SNOWLING, M. J.; STACKHOUSE J. et al. **Dislexia, fala e linguagem**: um manual do profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 57-74.